

## **TRABALHO, TEMPO LIVRE E INDÚSTRIA CULTURAL: RELAÇÕES DE FETICHE E ENTRETENIMENTO**

*Hélica Silva Carmo*<sup>1</sup>

**RESUMO:** Ancorado no pensamento marxista sobre o trabalho e no pensamento frankfurtiano sobre o tempo livre e a indústria cultural, o presente texto busca compreender o que vem ocorrendo no tempo de “ócio” do trabalhador contemporâneo. A proposta deste estudo segue por refletir sobre as relações entre tempo livre e entretenimento na sociedade moderna, para além dos fatos que aparentemente se apresentam, investigando quais são os reais interesses do capital em administrar esse tempo e qual o papel desempenhado pela indústria cultural no tempo livre que deveria ser ocupado e definido pelo próprio trabalhador.

**PALAVRAS-CHAVE:** trabalho, tempo livre e indústria cultural.

**ABSTRACT:** Anchored in the Marxist thinking about labor and in the viewpoint of the Frankfurt school regarding leisure time and cultural industry, this article strives to understand what has been done in the spare time of contemporary workers. From this perspective, this work discusses the relationship between leisure time and entertainment in modern society, beyond the most obvious perceptible facts. Also, it investigates the real interests of capitalism in managing this spare time and the role played by the cultural industry, a role that should be defined and controlled by workers themselves.

**KEYWORDS:** Labor, leisure time and culture industry.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Goiás.

## Introdução

A história humana é marcada por inúmeras conquistas estabelecidas na relação com o meio e entre os próprios homens. No livro *Dialética do Esclarecimento* (1985), os autores Horkheimer e Adorno refletem sobre as sucessivas eras do desenvolvimento humano que culminam na instrumentalização de sua razão, ocasionando, a partir de então, grandes construções técnicas, que direcionaram a formação cultural e social do homem enquanto ser genérico.

No intuito de compreender a humanidade, pensadores de áreas diversas da ciência empenharam-se em pesquisas e estudos que aproximassem os fatos da verdade, perfazendo o caminho da história até chegarem à modernidade. Dentre esses pensadores estão os teóricos críticos da Escola de Frankfurt<sup>2</sup>, que, ao analisarem o homem e a sociedade de forma crítica, alcançaram reflexões universalmente válidas sobre cultura, progresso, ciência, enfim, temas que perpassam a razão humana.

Após décadas de seus escritos, as obras primeiras do pensamento crítico continuam atuais. A teoria crítica representada pela escola de Frankfurt se baseou, dentre outros teóricos, sobretudo na obra marxista, e fazendo uso do pensamento dialético criou pressupostos para um estilo intelectual analítico característico, que trouxe grandes subsídios à interpretação acerca da modernidade.

Devido à atualidade e universalidade da referida teoria crítica, este trabalho emprega algumas contribuições teóricas de Marx e principalmente de Horkheimer e Adorno, utilizando-se das categorias conceituais sobre tempo livre e indústria cultural, para então compreender a respeito do “ócio” do trabalhador e as relações estabelecidas com o fenômeno da indústria do entretenimento na contemporaneidade.

Na sociedade moderna muito se discute sobre o tempo livre do trabalhador, as instâncias do sistema capitalista parecem se preocupar com esse tempo, elaborando toda uma programação de atividades diversificadas para que o trabalhador se ocupe nas horas vagas. Porém é necessário refletir sobre os fatos para além de como eles se apresentam, saber quais são os reais interesses do capital em administrar esse tempo e qual o papel de-

---

<sup>2</sup> Ver: MATOS, O.C.S. *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo*. São Paulo. Moderna, 1993.

sempenhado pela indústria cultural no tempo livre que deveria ser ocupado e definido pelo próprio indivíduo.

## **Trabalho, Alienação e Tempo livre**

Se as pessoas pudessem decidir sobre si mesmas e sobre suas vidas, se não estivessem encerradas no sempre-igual, não se entediariam.  
(ADORNO,1995)

Na modernidade, com o desenvolvimento de novas tecnologias no trabalho, o processo de automação e a aparente simplificação de tarefas fizeram com que o tempo livre aumentasse sobremaneira. Em verdade, esse tempo é contrário ao tempo de trabalho, porém algumas reflexões sobre isso podem ser feitas, já que os dois tempos estão submetidos por uma lógica maior e ambos num contexto de dominação.

A tentativa de compreender o que de fato ocorre no tempo livre do trabalhador, pressupõe o esclarecimento do que vem a ser o trabalho humano e a forma como este veio a se constituir historicamente.

O trabalho humano é concebido por Marx (2003) como condição ontológica no processo de constituição da humanização, se refere à atividade criativa e à própria práxis (ação transformadora). O trabalho como expressão da práxis abriga as relações entre homem – homem e homem – natureza. Nesse conceito, ele pode ser constatado desde as comunidades primitivas pelo ato de criar e instrumentalizar suas criações. Já nessas civilizações, a prática transformadora era inerente à sobrevivência e desenvolvimento do próprio homem.

Segundo Marx (2003), na sociedade primitiva e por muitos séculos posteriores o trabalho foi tido na forma ontológica, em que não havia separação formal entre tempo de criar e tempo livre, pois o trabalho era atividade intrínseca ao homem e acontecia em tempo integral. O tempo livre era no máximo determinado pelas horas de descanso e não completamente dissociado do tempo de trabalho como começou a ocorrer nas sociedades modernas. Essa separação veio sendo constituída no processo histórico das formas de organização social do trabalho, acentuando-se com o desenvolvimento do sistema capitalista de produção.

No livro *A Era das Revoluções*, Hobsbawm (2004) esclarece que o advento do capitalismo foi culminado por duas revoluções, Francesa (polí-

tica) e Industrial (econômica), nas quais o mundo presenciou grandes transformações de cunho societal.

Em torno disso, houve toda uma reorganização social, o contexto apontou para produção em massa, o trabalhador foi separado dos seus meios e produtos do trabalho. O trabalho humano foi tido como fonte de crescimento e acumulação de capital. Houve clara divisão entre as classes, de um lado estava o proletariado, trabalhador que, segundo Marx, vendia sua força de trabalho, e, do outro, a classe que era a capitalista, proprietária dos bens de produção.

O operário, cujo único recurso é a venda de sua força de trabalho, não pode desligar-se de toda a classe de compradores, isto é, da classe capitalista, sem renunciar à existência. Ele não pertence a este ou aquele patrão, mas à classe capitalista e compete a ele encontrar quem o queira, isto é, encontrar um comprador dentro dessa classe burguesa. (MARX, 1987, p. 23).

O trabalho em sua condição ontológica é concebido como atividade livre e criadora, porém, no desencadeamento histórico dos sistemas de produção e principalmente no capitalista, passou a ser vendido com a finalidade de não só produzir mercadorias, mas também de constituir a si e aos homens como mercadoria. Com base nisso o trabalhador torna-se Alienado (MARX, 2004), pois já não se reconhece no processo de produção, na relação com o outro, em si e nas suas produções.

Para Marx, o homem é um ser genérico caracterizado por suas produções, diferenciand-se dos outros animais pela capacidade de atividade consciente. Uma vez que ocorre a alienação do trabalho, por ser esta condição intrínseca a própria vida humana torna-se alienada.

Na medida em que o trabalho alienado tira do homem o elemento da sua produção, rouba-lhe do mesmo modo a sua vida genérica, a sua objetividade real como ser genérico, e transforma em desvantagem a sua vantagem sobre o animal, então lhe é arrebatada a natureza, o seu corpo inorgânico. (MARX, 2004, p.117).

Marx (2004) afirma que a alienação, o desenvolvimento exacerbado dos meios de produção e a supervalorização do capital em detrimento do homem decorreram da fragmentação do trabalho e da divisão radical das

atividades que aconteciam nos locais de produção. As tarefas foram sendo sistematicamente administradas, assim como a vida humana foi reorganizada para atender ao sistema econômico prevalecente.

O fato de o trabalho estar alienado causa ao trabalhador o estranhamento, o não reconhecimento de suas produções, exigindo para o tempo de atividade desempenho massivo, o que lhe provoca fadiga e desgaste. As atividades do homem foram metodicamente coordenadas mediante a delimitação temporal, ou seja, passou a existir o tempo exclusivo para o trabalho e, decorrente, o tempo de não trabalho.

Em contraposição ao tempo produtivo, foi supostamente determinado o tempo de ócio, em que o trabalhador estaria livre para o descanso e afastado das atividades que o consumiam. Por se tratar de um tempo aparentemente oposto ao do trabalho, propagou-se a ideologia de um tempo que contemplasse a sensação do fazer com liberdade, sem imposições e dissociado do fazer do lócus do trabalho produtivo, tão alienado e desgastante<sup>3</sup>.

A delimitação entre tempo de trabalho e tempo livre faz parte das mudanças decorrentes da reestruturação da sociedade por meio e em prol do capitalismo. Por trás dessas mudanças se oculta uma racionalidade técnica que justifica e “ameniza” ideologicamente as relações de exploração, ocultando no cotidiano as relações sociais existentes, inclusive a questão do tempo administrado.

A teoria crítica veio se opor às aparentes formas de racionalização sobre o tempo livre, Adorno (1995, p. 70) se posiciona afirmando que “o tempo livre é acorrentado ao seu oposto” e trazendo um questionamento quanto às reais possibilidades de esse tempo estar também alienado e distante do que aparentemente se propõe: um tempo de liberdade. “O tempo livre dependerá a situação geral da sociedade. Mas esta, agora como antes, mantém as pessoas sob um fascínio. Nem em seu trabalho, nem em sua consciência dispõem de si mesmas em real liberdade” (ADORNO, 1995, p. 70).

Ao contextualizar o tempo livre numa sociedade em que a liberdade sempre foi censurada, Adorno (1995) critica a ordem em que este vem sendo conceituado, pois, embora tenha sido incutida na consciência geral uma distinção entre trabalho e tempo livre, o tempo livre é apenas um mero

---

<sup>3</sup> Ver: *Tempo livre*. In: ADORNO, T.W. *Palavras e Sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis: Vozes, 1995.

apêndice do trabalho. Isso se dá pela ausência de liberdade, que acontece em tempo integral na vida dos trabalhadores.

Assim como o trabalho, o tempo livre também é administrado e o fato é que o trabalhador não é livre para fazer o que bem entende no tempo que lhe é destinado. Exteriormente, há toda uma prescrição de atividades para o tempo em que está livre, e a consciência geral dita que é preciso ter um “hobby”, ir ao cinema, ao clube, fazer turismo, ouvir as músicas de sucesso, ou, no mínimo, estar em casa assistindo à TV, ou seja, está restrita a forma de entretenimento. Existem diversidades de programas preestabelecidos que dão a falsa impressão ao indivíduo de possuir múltiplas escolhas de atividades para o seu tempo de não ocupação.

Nessa lógica dirigida parece incoerente falar em tempo de não ocupação, já que não faltam programas para isso. A ideologia prega que a renúncia a esses programas seria a entrega total ao tédio, ao ócio insuportável e à impossibilidade de realização pessoal durante o tempo livre. Mas, para Adorno (1995), a lógica acontece ao contrário: se fosse dada ao trabalhador a liberdade de autoadministrar seu tempo de descanso, ele não estaria submetido ao tédio, pois esse apenas se dá em função da vida sob a coação do trabalho e sob a rigorosa divisão do trabalho.

O tédio não teria que existir. Sempre que a conduta no tempo livre é verdadeiramente autônoma, determinada pelas próprias pessoas como seres livres, é difícil que se instale o tédio; tampouco ali onde elas perseguem seu anseio de felicidade, ou onde sua atividade no tempo livre é racional em si mesma, como algo em si pleno de sentido. (ADORNO, 1995, p. 76).

Em contraposição ao discurso ideológico que associa tédio ao tempo livre, a materialidade dos fatos revela que o tédio não deveria ocorrer no tempo verdadeiramente livre, mas sim, no tempo de trabalho alienado, em que o trabalhador não se reconhece nas criações da produção, não se reconhece e não reconhece o outro.

Ao compreender o trabalho como alienação, não seria permitido escapar dessa lógica o também comprometimento do tempo livre com o alheamento, pelo qual o indivíduo vem sendo encaminhado a múltiplas atividades predestinadas de “distração” ou “entretenimento”, transformando o tempo livre em mais uma instância da vida alienada.

Um aspecto interessante a se pensar nesse processo de alienação do

tempo livre é a forma como o sujeito adere a ele, mesmo diante das oportunidades de escapar dessa racionalidade. Por exemplo, ainda que raro, pode haver uma possibilidade de o sujeito optar por fazer alguma atividade criada por ele mesmo, contudo prefere realizar aquelas ditadas exteriormente para ele.

O motivo subjetivo de o trabalhador optar pelo que lhe é imposto em seu tempo livre é visto por Adorno (1995) como relacionado com o sentimento de insegurança e impotência, por não lhe ter sido oportunizada a sensação da livre criação e do reconhecimento na própria atividade. Consequentemente o tédio é suscitado, gerando o sentimento de impossibilidade, interferindo e deformando a capacidade das pessoas de construir.

Em íntima relação com o tédio está o sentimento, justificado ou neurótico, de impotência: tédio é o desespero objetivo. Mas, ao mesmo tempo, a expressão de deformações que a constituição global da sociedade produz nas pessoas. (ADORNO, 1995, p. 76).

Quando o tédio é gerado pelo sentimento de impotência, logo decorre o que Adorno (1995, p. 76) chama de deformações em relação a suas possíveis criações, “A mais importante, sem dúvida, é a detração da fantasia e seu atrofiamento”. Se o trabalhador não consegue liberdade para se direcionar no tempo que lhe compete, muitas vezes por se sentir entediado e sequer capaz de imaginá-lo como seu, isso impossibilita o único modo de escape à alienação do tempo livre, que seria a administração consciente do ócio.

Quando é possibilitado ao trabalhador conduzir seu tempo, não há muito que criar e fazer após a longa jornada de trabalho. Em contrapartida, a dinâmica capitalista parece saber instruir bem o trabalhador no ofício das horas vagas. Isso se explica pelo motivo de este ser um consumidor em potencial e, após a venda de seu trabalho, ser necessário um tempo para o consumo, retornando assim sua recompensa salarial aos donos do capital.

Dessa forma o tempo livre tem sido legitimado pelo consumo e, em torno do ócio, a indústria tem se empenhado em vender atividades propícias a quem não sabe o que fazer após ter cumprido as horas no trabalho. O mercado do tempo livre inclui desde venda de aparelhos de TV a pacotes turísticos, diversões para todas as idades e gostos. As pessoas parecem encantadas com a diversidade e possibilidades que lhes são oferecidas, é a valorização de uma nova categoria de mercadoria: o entretenimento, proporcionado pelos fascínios da indústria cultural.

## A Indústria cultural e o fetiche do entretenimento

Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens.  
(MARX, 2004)

No contexto contemporâneo, o sistema capitalista impulsiona a era do entretenimento, termo que, segundo o dicionário Aurélio, se refere a toda atividade de lazer que tem como objetivo entreter, distrair, divertir. Ou seja, fazer esquecer, desligar por um tempo determinado o sujeito do trabalho cotidiano enfadonho.

O entretenimento contempla um conjunto de ações propícias ao lazer, como cinema, teatro, visita a parques, shopping centers, passeios turísticos, games, programações televisivas, radiofônicas e outras opções, muitas vezes oferecidas por um segmento de mercado crescente que vem despontando nas últimas décadas.

Ao procurar compreender o que vem ocorrendo na contemporaneidade em relação ao entretenimento, faz-se necessário buscar em Karl Marx o conceito de Fetiche. Para ele esse fenômeno está intrinsecamente associado às formas sociais como se concebe a mercadoria.

A mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estomago ou da fantasia. Não importa a maneira como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência, objeto de consumo, ou indiretamente, como meio de produção. (MARX, 2003, p.57).

Ao objetivar o produto humano na forma da mercadoria, aparece inerente a ela o *valor* definido pela realização de trabalho humano: o *valor de uso*, que diz respeito à utilidade da mercadoria e por fim o *valor de troca*, que é adquirido no processo de troca como equivalente quantitativo entre as mercadorias. Nas relações de troca, os valores reais ficam omissos e essa mercadoria parece ganhar vida. Como aponta Marx (2003, p. 78) “tem ela de relacionar-se com outra mercadoria, considerada equivalente, ou seja, fazer da figura física de outra mercadoria sua própria forma de valor”.

No fetichismo da mercadoria esses valores ficam omissos uma vez que

as relações travadas entre os homens desaparecem, permanecendo implícitas apenas as relações entre as coisas.

Os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com os seres humanos (...) Chamo a isso de fetichismo, que está sempre grudado aos produtos do trabalho, quando são gerados como mercadorias. (MARX, 2003, p. 94).

Partindo dos pressupostos desse conceito, pode-se contextualizar o entretenimento na contemporaneidade como nova forma de mercadoria no seu feito “fantasmagórico”, pois se apresenta como produto, como coisa-em-si, capaz de determinar as relações entre os homens e satisfazê-los.

O fetichismo do entretenimento é possível na medida em que as atividades do tempo livre são comercializadas. A venda se faz com as promessas de que esses produtos são capazes de proporcionar o lazer de forma agradável, na garantia de afastar o tédio e preencher o ócio. Ou seja, a mercadoria abarca o poder mágico da satisfação do indivíduo no tempo livre, escondendo em si sua real condição: a de mercantilização coletiva da atividade livre do trabalhador.

O fetichismo do entretenimento se esconde por trás de toda uma racionalidade que opera em favor da alienação. Quando a indústria do lazer se dispõe a promover atrações diversas para o trabalhador, está na verdade administrando e comercializando o seu tempo livre. Trata-se de um nicho de mercado oportunizado por uma indústria maior, que Horkheimer e Adorno (1985) chamam de Indústria Cultural, um conceito destinado a abordar as relações entre economia e cultura no capitalismo avançado.

Para os autores, o conceito de Indústria Cultural está intimamente ligado com a utilização do esclarecimento numa racionalidade que trabalha em prol da mistificação das massas por meio da cultura. A mistificação ocorre num processo de padronização geral que facilita a propagação do consumo em comum.

O fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais. (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 114).

A padronização do gosto se refere à manipulação das necessidades dos consumidores. Todo pensamento que opera para isso é conivente com a racionalidade da dominação, pois persuade massificadamente a consciência individual. Os produtos da cultura são previamente construídos para a variedade, porém toda diversidade é falsa numa sociedade em que o gosto já está comprometido por ter sido previsto ou preestabelecido por essa indústria.

O fornecimento ao público de uma hierarquia de qualidades serve apenas para uma quantificação ainda mais completa. Cada qual deve se comportar, como que espontaneamente, em conformidade com seu nível, previamente caracterizado por certos sinais, e escolher a categoria dos produtos de massa fabricada para seu tipo. (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p.116).

Ainda sobre a manipulação das escolhas por intermédio da indústria cultural, os autores Horkheimer e Adorno (1985, p.117) escrevem que “para o consumidor não há mais nada a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção”. Ao relatarem o contra-senso do indivíduo em optar, deixam transparecer à não liberdade e a imersão do sujeito na mais alienação.

Nessa racionalidade é possível pensar numa incoerência: a uniformidade da diversidade dos gostos e dos produtos. A indústria cultural, ao apresentar múltiplas escolhas para o consumidor, acaba por tolher-lhe o gosto, impondo externamente o que convém a cada indivíduo. Ao padronizar os produtos em prol do gosto já uniformizado, ocorre outra tragédia cultural, colocando-se em risco a possibilidade da originalidade, pois progressivamente aumenta o empobrecimento dos materiais estéticos por conta da lógica padronizada ao consumo de massa.

A autenticidade estética fica comprometida e a imitação é concebida como algo absoluto, ocorre o apaziguamento entre os polos universal e particular, a tensão é amenizada “os extremos que se tocam passaram a uma turva identidade, o universal pode substituir o particular e vice-versa” Horkheimer e Adorno (1985, p. 122). A tensão seria capaz de propiciar substância ao estilo, mas quando é reconciliada acaba por esvaziá-lo. Portanto, a falta do estilo e da originalidade parece ser aspecto característico da sociedade liberal, uma vez que facilita a produção em massa.

A indústria cultural encontrou seu espaço nessa sociedade e teve li-

berdade de criar e recriar seus produtos, que, por sua vez, foram bem aceitos pela população conforme o previsto. Contudo, para o consumo era necessário tempo, e o tempo livre foi convenientemente destinado para isso. Nada seria mais propício do que o consumo aliado ao ócio, que supostamente aliviaria o tédio e o cansaço gerado por não se saber o que fazer no tempo de descanso.

Apesar da diversidade promovida pela indústria do entretenimento, há algo em comum nas atividades proporcionadas: o fato de que todo esforço intelectual deve ser escrupulosamente evitado. A intenção ideológica é a de fazer com que os trabalhadores se distraiam das questões sociais inerentes ao trabalho e se divirtam por intermédio do consumo premeditado.

O que ocorre de fato no fenômeno do entretenimento é o prolongamento da mecanização do trabalho, extensão que seria disfarçada na alienação e no fetichismo dos produtos do lazer, ocultos nas relações sociais entre os homens. Assim, toda diversidade e pseudo-opção<sup>4</sup> levam à compreensão de que “a quantidade da diversão organizada converte-se na qualidade da crueldade organizada” Horkheimer e Adorno (1985, p. 129). Trata-se do acorrentamento do tempo livre ao tempo de trabalho, ou seja, o entretenimento e sua proposta de lazer para o tempo livre supõem na verdade o tempo da não escolha e da não liberdade.

Ao contextualizar o fetichismo do entretenimento e a alienação do tempo livre numa sociedade que vem passando por um longo processo histórico de dominação, torna-se pequena a possibilidade de o sujeito escapar a essa lógica. Mas pode-se pensar nas possibilidades de saída quando na experiência, ainda que raramente, são notadas expressões coletivas e individuais de resistência social.

Quando o sujeito, mesmo que de forma restrita, resiste em acreditar inteiramente nos produtos da mídia, está demonstrando que os reais interesses do indivíduo ainda não foram inteiramente absorvidos pela indústria cultural. Qualquer insistência de ir além do que está posto revela que “as pessoas aceitam e consomem o que a indústria cultural lhes oferece para o tempo livre, mas com um tipo de reserva” Adorno (1995, p. 81).

Assim, pode-se dizer que quando o sujeito, no seu tempo livre, ainda que raramente, cria uma ocupação específica e alternativa de lazer, deixa

---

<sup>4</sup> Segundo Adorno (1995) o termo se refere a um tipo de comportamento recomendado para o tempo livre.

escapar que “ainda não se alcançou inteiramente a integração da consciência e do tempo livre” Adorno (1995, p. 81), ou seja, o sujeito não foi completamente apreendido pelos estímulos externos do entretenimento.

## **Considerações finais**

A alienação gerada pelo trabalho se estende por e perpassa todos os setores da vida humana. O tempo livre está comprometido com o tempo de trabalho, ambos são vinculados pelo processo de alienação, envolvendo o sujeito na lógica da mais valia e expropriação.

A estrutura de dominação é elaborada numa racionalidade técnica que justifica de forma branda toda essa lógica. Nessa sociedade em que o gosto do indivíduo foi padronizado, o consumo é atividade preestabelecida para todos os trabalhadores no seu tempo livre, acorrentando esse tempo a um estado de não mais liberdade.

O fascínio pela mercadoria é a marca registrada da soberania dos produtos e da supervalorização do capital em detrimento do homem. No entanto, é possível se opor a essa racionalidade e compreender que o tempo livre não se refere à liberdade e sim a um espaço estendido à alienação.

O trabalhador alienado no seu tempo livre é movido pelo tédio proporcionado pelo sentimento de incapacidade de criar o próprio lazer, todas as suas tentativas parecem enfadonhas, se comparadas às opções de lazer e entretenimento ditadas pela indústria cultural, não consegue se desgarrar das “alternativas” preproporcionadas por essa indústria do entretenimento.

Ao refletir sobre o comprometimento do tempo livre com a indústria cultural na contemporaneidade do entretenimento, nota-se a inserção de todos os setores da vida humana no processo de dominação. Porém, mesmo que de forma rara, é possível perceber dentro dessa totalidade a existência de reações avessas a esse sistema, revelando que a consciência do sujeito não foi completamente absorvida por esse meio de produção.

Fragmentos materiais de contradição podem revelar que o indivíduo não acredita ou recebe inteiramente os produtos dessa indústria, ainda que pouco frequente torna-se possível falar em resistência do sujeito à apreensão total. Isso demonstra que a consciência humana não foi completamente integralizada à indústria cultural, o que faz acreditar nas possibilidades de real liberdade do sujeito, inclusive no seu tempo livre.

## Referências

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, T.W. *Palavras e Sinais*: modelos críticos 2. Petrópolis: Vozes, 1995.

HOBBSAWM, E.J. *A era das revoluções*: 1789–1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

\_\_\_\_\_. *O capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v.I.

\_\_\_\_\_. *Trabalho assalariado e Capital*. São Paulo: Global Editora, 1987.

MATOS, O.C.S. *A Escola de Frankfurt*: luzes e sombras do iluminismo. São Paulo: Moderna, 1993.